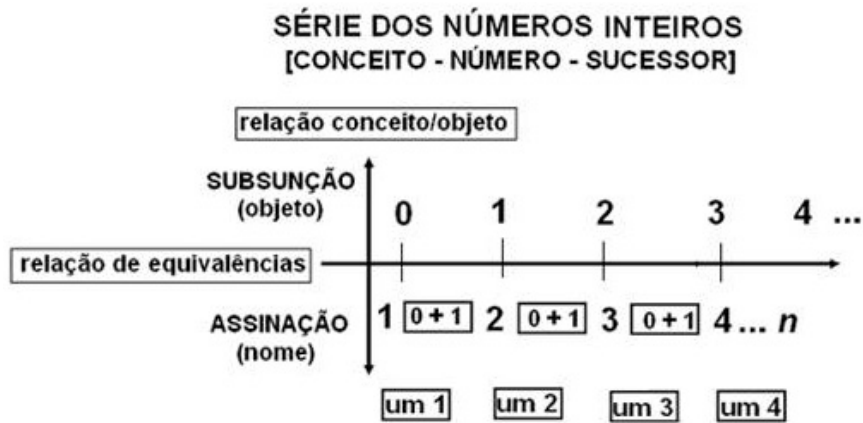


# A IMPORTÂNCIA CLÍNICA DO CONCEITO DE SUCESSOR<sup>1</sup>

Mônica Palacio de Barros Correia<sup>2</sup>



O texto que irei apresentar foi elaborado a partir do estudo realizado num Seminário semanal com Alduisio M. de Souza no qual durante o ano de 2008 e 2009 se referiu ao Seminário de Lacan “...Ou pior”(1971-1972), com apoio: No “O saber do Psicanalista”(1971-1972), num apanhado de conceitos Estoicos importantes para a leitura de Lacan e em textos de dois autores que estão nos Cadernos para Análise do Círculo de Epistemologia da Escola Normal Superior (da França), trabalhados de maneira detalhada e extensiva: Yves Duroux, “Psicologia e lógica” e Jacques-Alain Miller “A sutura” ambos abordando a obra de Frege ( Fundamentos da aritmética, 1884) a partir dos axiomas de Peano sobre “o número”, “o zero” e “o sucessor imediato de”. Ambos também foram contextualizados nesses mesmos Cadernos por Serge Leclair num trabalho sobre “O lugar do analista” para desfazer a ilusão de sutura e adequá-la ao rigor analítico. Cito os axiomas de Peano:

- 1- Zero é um número
- 2- O sucessor imediato de um número é um número.

<sup>1</sup> XIII Encontro do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise, Recife/PE, 30/05/2009.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: mpalacio@superig.com.br.

- 3- Zero não é sucessor imediato de um número.
- 4- Não há dois números que tenham o mesmo sucessor imediato.
- 5- Qualquer propriedade pertencente a zero e também ao sucessor imediato de cada número que tenha tal propriedade pertence a todos os números.

Vamos partir de uma reflexão. Estamos todos aqui nessa sala, ou seja, um espaço que contém sua extensão não somente conceitual como inclusive métrica. A percepção imediata que tenho de vocês é um aglomerado de pessoas que poderíamos atribuir o conceito, grupo de pessoas. Suponhamos que somos desconhecidos. Ao percebê-los nesse espaço físico poderia dizer que formam um corpo, ou seja, uma unidade com a qual eu os unifico ao chamar grupo de pessoas subentendendo que são corpos sem no entanto ainda conferir nenhuma identificação por propriedade ou atributo a qualquer um de vocês. Qual seria a condição que eu teria para conferir a um de vocês uma propriedade ou atributo, já que ainda não dialogamos? Nenhuma. Então estamos diante da existência da inexistência de critérios possíveis para qualifica-los. Espero que vocês situem, a partir do Seminário "...Ou pior", o que estou lhes dizendo: A exigência que Lacan evidencia para qualquer trabalho lógico, ou seja, partir da existência da inexistência que será essencial para a definição de SUCESSOR. Percebamos que estamos aí em plena abertura para falar de um conceito essencial para a Psicanálise que é a FALTA.

Todos sabem que conceitualmente um corpo é definido como o que ocupa uma extensão no espaço. Vamos então inicialmente nos perguntar se corpos com propriedades diferentes ocupam da mesma maneira uma extensão no espaço? É evidente que não e para isso basta nos perguntar sobre as propriedades sólidas, líquidas e gasosas de um corpo para termos a resposta. Então, derivamos a definição: corpo é o que ocupa uma extensão no espaço e a forma de sua ocupação dependerá de sua propriedade.

Deduzimos daí que há algo que define a unidade de um corpo (ser extenso) e algo que define a distinção de um corpo (ter uma dada propriedade, um modo de extensão). Se então podemos dizer que há corpos distintos, este traço distintivo é o que funda a identidade que poderia se expressar assim: a identidade de um corpo (ou de uma coisa) se verifica quando podemos perceber que há ali um próprio, pois se afirmo a propriedade horizontal de um elemento essa propriedade só será logicamente assegurada se não for desfeita por uma propriedade não-horizontal (vertical, oblíqua, curva, etc.) sobre ela aplicada. Percebamos que a identidade dada por uma certa propriedade só se

mantém quando ela pode receber um traço que lhe é exterior sem que se desfaça sua identidade. Para isso teoricamente Lacan criou o conceito psicanalítico de mensagem invertida cuja gênese está no chamado Estádio do Espelho. Passamos a observar aí uma situação equívoca com um traço que unifica e um traço que distingue. Isso tem como consequência a construção de uma topologia com estrutura Moebiana.

Duroux no seu texto *Psicologia e lógica*, refere ao jogo de palavras que se dá com o termo alemão *Einheit* que tanto pode ser traduzido por uma unidade como um elemento indiferenciado no conjunto, indeterminado, mas também pode ser um *Um*, nome do número “1”. Ele vai dizer que segundo Frege ao assinarmos o nome do número com artigo definido (o um, o dois, o três), aparece aí uma significação radicalmente nova que não é a simples repetição de uma unidade, essa nomenclatura ele vai chamar número individual visto que não há vários um do ponto de vista conceitual, há um *Um*, um dois, um três, etc. Dizer que essa sala tem 40 pessoas não é o mesmo que dizer: o número de pessoas dessa sala é 40. O “é” aí colocado revela uma função de igualdade, ao conceito pessoas dessa sala é atribuído o número 40, a essa operação lógica Frege vai chamar equivalência, identidade, a qual permitirá ordenar bi univocamente objetos ou conceitos.

Partindo do princípio do que representa a lógica conceitual em psicanálise diferentemente de uma lógica empirista do sujeito psicológico das operações imaginárias, é que Lacan indica em vários momentos de seu ensino o estudo da lógica em Frege que tem como objeto de investigação a série natural dos números inteiros. O modo como Frege critica toda uma tradição empirista de agrupar, adicionar e nomear, que mascaram o que realmente importa, vai mostrar que é preciso desvincular o conceito de número da determinação psicológica ou subjetiva.

O que Duroux refere como importante em Frege é como ele conduz sua reflexão, checando a axiomática de Peano, para chegar à sua definição de NÚMERO, de ZERO-UM e do advento do SUCESSOR.

Eis inicialmente o que ele diz: O número pertence a um conceito e todo conceito subsume um objeto, isto é, tem em ato um objeto que lhe é próprio. Mas essa definição é ainda insuficiente para nos dar o que Frege chama número individual ou nome do número. Somente depois de chegar a uma demonstração lógica do que virá a ser relação de equivalência é que ele nos dará uma verdadeira definição de número: “O número que pertence ao conceito F é a extensão do conceito: equivalente ao conceito F”. Ou seja, quando tentamos falar de conceito nós temos uma duplicação que implica logicamente

aplica-lo sobre si mesmo e assim teremos o conceito do que é um Conceito. Podemos perceber o rigor de Lacan quando tornando público seu ensino, a partir de Função e Campo da fala e da linguagem, ele se propõe a fazer um procedimento análogo com a prática analítica e a comunidade de analistas.

“Método de verdade e de desmistificação das camuflagens subjetivas, manifestaria a psicanálise uma ambição desmedida ao aplicar seus princípios à sua própria corporação, isto é, à concepção que têm os psicanalistas de seu papel junto ao doente, de seu lugar na sociedade dos espíritos, de suas relações com seus pares e de sua missão de ensino?” (Jacques Lacan – Escritos – 1953)

Só assim podemos perceber o quanto Frege radicalizou a lógica clássica ousando conceitua-la, ou seja, falando conceitualmente do conceito de lógica. A lógica-lógica é assim referida no texto de Jacques- Alain Miller (A Sutura) como a lógica da origem da lógica, onde o conceito passará a ser o próprio objeto do conceito de Conceito em sua subsunção e assinação.

É o rigor do conceito que postulamos em nosso trabalho, então o primeiro passo para um trabalho dessa ordem, ou seja, conceitual é a definição do próprio do conceito em si mesmo e sua extensão. O Conceito nesses termos se torna objeto de conceitualização.

O que buscamos nessa referência a Frege por sugestão de Lacan é encontrar dentro da “Clínica Lacaniana” uma “Ética do Conceito” que foi o tema do trabalho de Alduisio M. de Souza. Perguntaríamos em consequência, será que o procedimento analítico, ou seja, o que conduz a uma interpretação, uma leitura do Real pelo Significante não teria seu próprio procedimento conceitual como molde, como ponto de passagem para qualquer ato que pudéssemos chamar analítico?

Dando prosseguimento à investigação feita por Frege da série natural dos números inteiros, depois da definição de número como extensão do conceito de equivalência, ele vai dar mais um passo dentro da axiomática de Peano partindo para sua definição do Zero, primeiro número da série, e mostrando como se dá a operação Sucessor engendrada por um duplo jogo de contradição na passagem de zero a um.

O exemplo que Frege nos dá é bastante paradoxal: “Vênus não possui nenhuma lua”. Segundo ele não podemos dar o valor “nenhuma” ao objeto “lua” pela simples razão que não há lua em Vênus. O número que damos ao conceito “lua de Vênus” é Zero. Este conceito reporta a um objeto que é o objeto “lua”, mas essa relação é tal que

não há lua. Em termos lógicos a esse conceito “lua de Vênus” Frege denominará conceito contraditório.

O Zero se define pela contradição lógica que é a garantia da não existência do objeto. Frege diz se tratar de um conceito contraditório, conceito do “não idêntico a si mesmo” em contradição ao “idêntico a si mesmo” da definição lógica de conceito que subsume um objeto e de objeto a ele subsumido. A qualquer conceito que subsume nenhum objeto será atribuído o nome Zero. Seria essa contradição a primeira etapa da gênese do conceito?

Miller diz n’A Sutura que no processo de constituição da série, na gênese de sua progressão, a função sujeito, desconhecida, opera. O sujeito por ele nomeado e que verdadeiramente importa ao discurso lógico de Frege, é o que está implícito nas condições da enunciação podendo ser lido ou deduzido, mas que não aparece no enunciado. Vejamos: uma série enunciada da seguinte maneira: Um, dois, três, cinco, oito, treze,...n, é uma série harmônica cuja condição de sua enunciação, sujeito, opera de modo implícito que cada número somado ao seu antecedente vai produzir seu sucessor.

Na passagem da coisa à unidade e da coleção de unidades à unidade do número o que importa é que este número receba uma assinação, um nome, essa é a própria estrutura da ficção e por isso Lacan vai considerar a verdade como tendo uma estrutura de ficção, ou seja, que ela é matemática.

O conceito de identidade subtende que uma coisa possa ser idêntica a si mesma desde que tenhamos condições de dar a ela o proceder da bi univocidade. Isso implica que ao apreender uma coisa ou um objeto conservamos a sua representação para outras operações similares. Esta operação poderíamos chama-la de adequação da representação ao objeto, considerando a identidade entre a Coisa e a representação, senão a cada operação teríamos de refazer todo o percurso. A verdade é: cada coisa é idêntica a si. Acompanhando o itinerário de Frege observamos que ele se dá em três momentos: O primeiro da Coisa ao objeto, o segundo do objeto à representação e o terceiro da representação ao Conceito. Nesse primeiro momento o indeterminado, naquilo que chamamos a Coisa, temos que negá-lo para que um objeto advenha em seu lugar passando à dimensão de uma coisa com a qual eu me relaciono e posso conta-la. Essa contagem para que seja numerável temos que elevá-la à categoria de Conceito, de número.

O Conceito contraditório, da não-identidade-a-si, é marcado pelo número Zero que inaugura o discurso lógico. Este Conceito por ser um Conceito tem uma extensão,

subsume um objeto que é o objeto “Nenhum”. O Zero que se inscreve no lugar do número assina a exclusão desse objeto, “nada” poderia ser escrito ali. Se é preciso grafar um Zero é apenas para figurar um branco, tornar visível a Falta. Do Zero-falta ao Zero-número se conceitualiza o conceito de não-conceitualizável. O Zero entendido como um número, que marca o Conceito que subsume a Falta de um objeto, é como tal uma coisa: A primeira coisa não-real no pensamento, ou seja, o registro da existência da não-existência.

Se do número Zero construímos um Conceito que subsume como seu único objeto o número Zero, podemos assim dizer que o Zero é o primeiro número da série dos números inteiros e por isso o número que o marca é Um. A conta do Zero por Um, uma vez que o Conceito de Zero subsume no real apenas um Branco, uma Falta, será o suporte geral da série dos números. O Um, por sua vez, é definido pelo Conceito “igual a Zero”. Frege diz: “O Um segue o Zero na medida em que Um é atribuído ao Conceito “igual a Zero”. É esse o duplo jogo de contradição referido acima, determinando a passagem do Zero a Um, operação Sucessor, que se dá pela contradição contraditória onde o antes só pode ser deduzido “a posteriori”, o Zero como vazio absoluto, vazio de fora, é incorporado como um dentro que se faz Um, CORPO DO VAZIO. Lembramos aqui a referência de Lacan ao pote de cerâmica, um vazio que passa a ser preenchido por um nada pelas mãos do oleiro.

Teremos então que, na operação Sucessor o Um que é adicionado ao número não é somente o Um da unidade comum a todos os números, o que aparece nessa passagem de um número a outro é a soma do Um em sua dupla vertente: da unidade e da diferença. Assim podemos ver  $(0, (0+1)=1, (0+1)=2, (0+1)=3, (0+1)=4, \dots, n)$  que o Um aí adicionado contém o símbolo originário da emergência da falta ao campo da verdade, uma transgressão que vai se produzir sempre, na passagem do número a seu Sucessor, um efeito de sentido. É essa a diferença que Frege revela no nome de um número como extensão de sua unidade, ou seja, a diferença do que ele subsume como objeto e do que assina como nome.

